

Senhor dos Passos

Ao commentario tenue que ha dias venho fazendo a certo publico—porque não se apostolisa chamando lhe apenas soberano, mas tambem revelando-lhe as manqueiras, junto, com agrado e orgulho, mais outro caso de incoherencia bem symptomatica. Diz, com effeito, gente madura e videira, que os periodistas republicanos se restringem, agora como sempre, a propagar a demolição d'um regimen por intermedio d'uma amalgama de estylo e de offensa. Factos reclamam, como se fosse gente que não vá com tretas. Ora eu não sei, ninguem saberá por certo, o que são factos mais assignaladamente incontroversos, mais radicalmente positivos do que os que explicam o depauperamento d'um paiz em toda a latitude.

Individualmente consultados, reparo que os homens do meu paiz me accusam, nos *affaires* em que lidam e labutam, as mais inesperadas tranquiibernias; e todavia não dão chancellia á prosa que lhes aponta:—ora venham cá suas cavalgadas, vejam como estes homens vos desgovernam.

Como o outro que diz, programma é o que elles querem dizer na sua. E o meu espanto sobe de ponto quando penso no dos partidos em que militam. De feito não é com um relato arido de factos e de phrases que se atira um pontapé a um paiz para o trazer á boa regra; mas, nem nós, os *rouges*, podemos andar eternamente a reproduzir o que não lêem, nem tampouco os dynastias se me affiguram mais precisos. Todos sabemos que, tirante o estylo, o molde é sempre o mesmo; e talvez porque tanto monta o dos snrs. Ennes ou Thomaz, a consequencia é aquella que communmente lamentamos. A moralidade e a economia são palavras que, no respectivo estandarte, pinturilam os partidos; e fazem o favor de me dizer se isto não está mais fruste em honras e enalacrado d'algibeiras?

Que diabo! já massa dizer isto!

A linguagem desbragada que inculcam aos periodicos jacobinos, teem-a estes olhos visto mais apropinquada quando, por exemplo, o snr. Navarro anda á testilha com o snr. Martins, ou o snr. Lopo Vaz á pega com o sr. Marianno de Carvalho. Em gazeta sizuda não é raro vêr as mais rudes diatribes contra a opposição; e se accaso a compostura volta é porque declaram descobrirem mutuamente os podres.

Quando os jornaes da monarchia assaltam os da Republica é ver com que aceio de linguagem redarguem. Ou por agrado a quem lhes paga ou por nimia presumpção litteraria, o esforço de mal dizer é manifesto. E é claro: a farofia humana não soffre peias!

Chamar, sem periphrases, ladrão a quem nos rouba, astuto a quem nos illude, e tolo a quem malbarata, é, me parece, apenas justo; tanto mais quanto nós, em fallas intimas, somos todos —triste especie!—uns más linguas.

Forçoso seria que o portuguez se desembaraçasse da impostura que o reveste, não só porque, particularmente, é de seu natural curioso e onzoneiro, mas ainda por, em materia politica, ser insidioso e injusto. Discutiui com amplitude e calor, perfeitamente; chamar-nos porém ardentes e ser por seu turno malcreado não é coerente.

Seja ou não azeda a propapaganda, eu sei, sabemos todos, como está o arcabouço da nação. Se não houvesse jornaes republicanos, justo é dizel-o, nem por isso se ignorava tal: bastava ler, ha trinta annos para cá, as folhas dos partidos militantes. De gr^{de} de que isto foi—aprende-se na esco^a—está hoje, como o veem, reduzido. Descobriu, conquistou, abandonou e deu. Como perdulario que foi, o paiz nunca arrecadou: dispendeu o que tinha ás mãos largas. E como que vestigio atavico, agora que não resta dinheiro, existe ainda a vontade de o espalhar. Pede-se emprestado, pois. E a termo tal que seria logico, caso isto se não levantasse d'uma vez, arrazar-se, e aos poucos que fugissem, rehavel-os para os mandar para Mafra, symbolo das nossas dissipações e de torpezas, a pedir, de saccola, como esses que ora vemos ahi na rua:

—*Esmola para o Senhor dos Passos.*

Acabaremos como deviamos: sob ruinas, pedinchando!

CRIMMEL.